

Economistas prevêem 2005 com alta de renda e emprego

Projeções do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada são de aumento do PIB

A renda e o emprego em alta deverão ser o motor do crescimento do país em 2005, segundo as previsões de início de ano da maioria dos economistas. As apostas são de uma recuperação substancial da renda mais forte do que a observada em 2004 – e de uma continuidade da criação de vagas no mercado de trabalho. Por conta do aquecimento no mercado de trabalho, o consumo interno deve aumentar 4% em 2005, depois de uma alta de 3,2% em 2004, e puxar o PIB de 2005, segundo projeções do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea).

"A economia saiu do buraco em 2004 com as exportações e com o consumo dos bens duráveis (carros e eletrodomésticos). Agora, a partir de 2005, a economia vai andar sozinha, com um crescimento mais disseminado, atingindo os setores que produzem bens não-duráveis (alimentos, roupas e remédios) e o segmento da construção civil, bastante deprimido nos últimos anos", afirmou o economista Luiz Parreiras, da área de mercado de trabalho do Ipea.

Ele estima que o crescimento previsto de 4% corresponda a uma expansão da massa salarial (total de salários pagos aos trabalhadores) em torno de 8%. "Isto é um reforço ao crescimento do consumo. Pelos seus cálculos, o total de postos de trabalho deve crescer cerca de 3% e a taxa de desemprego deve ficar abaixo de 10%, na média de 2005. Já a renda média deve subir 5% ou mais.

A renda média do trabalhador apresentou alta de 2% de janeiro a novembro de 2004, mas a expectativa do Ipea é que aumente mais em 2005 por conta da própria dinâmica da recuperação do mercado de trabalho. Se no início da melhora do mercado de trabalho,



Alta do consumo, segundo economistas, não deve significar uma ameaça ao controle da inflação

a abertura de novas vagas ocorreu em setores que pagam salários mais baixos, como a construção civil e o emprego doméstico; em 2005, a tendência é de expansão do emprego com salários maiores.

MÍNIMO – Ele cita ainda o aumento do salário mínimo em maio, de R\$ 260 para R\$ 300, como um fator de crescimento da massa salarial. Segundo Parreiras, a alta do mínimo deve atingir pelo menos 25% do contingente de trabalhadores.

"Mesmo com juros altos, temos tudo para crescer", disse Parreiras, para quem os juros em patamar elevado têm um efeito maior em aumentar a dívida pública do que em restringir o consumo.

Para o economista Braúlio

Borges, as exportações não deverão ser, ao contrário do observado desde 2001, o motor da expansão econômica, devido à desaceleração do comércio mundial. Além disso, a própria demanda interna causará um aumento das importações.

Nos cálculos da consultoria, o setor externo terá contribuição nula no PIB em 2005. Já o consumo interno corresponderá à maior parte do crescimento (cerca de 2 pontos percentuais) e os investimentos, pelo restante (cerca de 1,5 ponto percentual).

A alta do consumo de forma mais generalizada, entretanto, não deve ser vista como uma ameaça ao controle da inflação, na avaliação do economista da Fundação Getúlio

"A economia brasileira saiu do buraco em 2004. Agora, a partir deste ano, vai andar sozinha"

Luiz Parreiras,
economista do Ipea, da área de mercado de trabalho

Vargas (FGV) Aloisio Campelo. Mesmo com o aumento da produção voltada ao mercado interno, as indústrias vão conseguir manter um nível de capacidade instalada saudável, sem pressionar os preços. "As indústrias estão investindo e aumentando a sua capacidade", disse Campelo, citando a taxa de investimento do terceiro trimestre, que atingiu 21% em relação ao PIB – um recorde para um terceiro trimestre desde o início da série histórica do IBGE, em 1991.

ENDIVIDADOS – Outro dado que sinaliza para a recuperação do consumo do brasileiro é a redução do número de consumidores endividados. De acordo com o Serviço Central de Proteção ao Crédito (SCPC), o número de pessoas que conseguiu sair da lista dos devedores em 2004 superou o total de pessoas que ingressou no grupo, o que não ocorria desde 1967.